

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil Class.: 20
 Data: 25.06.69 Pg.: _____

Tribo Urubine é pacificada após um dos índios ser salvo por sôro antiofídico

Uma injeção de sôro antiofídico, que salvou um índio mortalmente picado por uma cobra nas selvas de Rondônia, permitiu a pacificação da tribo dos urubunes, responsável pelo massacre de pelo menos cinco brancos — uma mulher e quatro crianças.

A pacificação ocorreu no mês passado, mas somente ontem o presidente da Fundação Nacional do Índio, Sr. José Queirós Campos, recebeu o relatório final da Ajudância de Guajará-Mirim, na região do grupo dos pacaás-novos, a Noroeste do território de Rondônia.

ULTIMOS

Os índios urubunes foram os últimos do grupo dos pacaás-novos a serem pacificados pelos brancos. As demais tribos, que são os urudão, urud e urudê, vivem em paz na região desde 1962, depois de 20 anos de esforços do antigo SPI para trazê-los ao contato com a civilização.

Segundo explicou o Sr. Queirós Campos, os urubunes preferiram continuar no seu habitat, repudiando os costumes dos civilizados, sobretudo receosos da contaminação de doenças transmitidas pelo homem branco. Quando os demais parentes do grupo dos pacaás-novos foram pacificados, os urubunes preferiram continuar nos sopés das serras, que ficam a 10 dias de viagem do Posto Major Amarante, no Município de Guajará-Mirim.

Ultimamente vinham atacando as famílias de seringueiros da região, tendo matado cinco pessoas. Em dezembro do ano passado, flecharam a menina Maria Garcia, de 12 anos, quando ela estava sentada em frente a sua casa, às margens do Rio Formoso.

No dia 31 de janeiro deste ano, um grupo numeroso de urubunes massacraram Dona Maria Inês Rodrigues, esposa do seringueiro Rui Rodrigues, suas duas filhas Neli e Sandra, de quatro e três anos, e sua sobrinha Maria, de 12 anos. No local da chacina somente foram encontradas flechas e uma poça de sangue, e os corpos não foram achados até hoje.

EXPEDIÇÃO

Certo de que o morticínio continuaria, o chefe da Ajudância de Guajará-Mirim, Sr. Cicero Cavalcanti, que foi responsável pela pacificação dos índios caiapós, no Pará, resolveu organizar uma expedição para tentar um contato com os urubunes e trazê-los à civilização.

Para isso recrutou cinco índios de tribos parentes dos urubunes e colocou-os sob a chefia do matreiro Antônio Costa. O grupo deixou o Posto Major Amarante no dia 25 de abril, penetrando pela mata durante mais de 10 dias, até que o primeiro contato foi feito.

No dia 8 de maio, o grupo encontrou três paióis de milho onde os índios armazenavam suas provisões, aguardando ali até a chegada de um menino índio, que foi agarrado pelos membros da expedição. Logo

depois acorreram os guerreiros urubunes, que foram aos poucos convencidos por seus primos mansos que o homem branco estava distribuindo presentes no posto indígena.

Ao serem levados ao esconderijo dos urubunes, os membros da expedição lhes deram diversos presentes, entre os quais facas, facões e machados, como amostra do que lhes seria entregue se concordassem em ir até o posto. Segundo o relatório, os índios relutaram durante três dias antes de concordar.

SALVAÇÃO

O grupo que acompanhou os expedicionários era formado por 17 homens e 13 mulheres, todos completamente nus. Abandonando seu território, os índios começaram a acompanhar a expedição, chegando à casa do índio aculturado, Domingos Campê, no dia 20 de maio.

Segundo o relato de Cicero Cavalcanti, o fator mais importantes para a pacificação dos índios foi um caso que ocorreu algum tempo antes de o grupo chegar à casa de Campê. Um dos urubunes foi picado mortalmente por uma cobra, sendo salvo por uma injeção aplicada por Antônio Costa, que foi proclamado "pajó branco", ganhando a confiança definitiva dos selvagens.

Quando chegaram ao Posto Major Amarante, no dia 22 de maio, os urubunes foram vacinados por três enfermeiros do Departamento Nacional de Endemias Rurais contra gripe Hong-Kong, tifo, febre amarela e para-tifo. Como um deles havia sido salvo por uma injeção, os índios aceitaram ser vacinados sem protesto, como geralmente acontece.

Além das vacinas, os urubunes receberam muitos presentes, como roupas, machados, facas e facões. Cada um dos chefes recebeu também um par de chinelos. O padre Abeneraite que trabalha no posto da Funai como médico, encarregou-se da assistência aos índios doentes.

O relatório do chefe da Ajudância, além de fornecer à Funai um vocabulário de 235 palavras e expressões na língua urubune, que não está classificada em nenhum grupo linguístico brasileiro, pediu também a quantia de NCr\$ 6.500,00 para a manutenção dos 30 índios, o que está sendo providenciado pela Delegacia Regional de Culabá.